
Fatores geradores de violência em escolas localizadas em áreas periféricas: estudo comparativo em duas escolas públicas da Grande BH.

Karoline de Carvalho Coelho*
Priscila Sales Geraldo*
Regiane Cristina Augusto*
Viviane Silva Alves*

Orientadora: Prof^a. Vera Lúcia Lins Sant'Anna **

RESUMO

A violência no âmbito da escola tornou-se tema de diversos estudos nos últimos vinte anos. Neste trabalho procuramos tratar do que leva a violência escolar e quais os fatores que a tornam tão recorrente neste ambiente. Apresenta-se uma abordagem teórico-histórico de modo a contextualizar tal quadro, seguindo-se pela apresentação dos principais fatores geradores de violência escolar. A partir disso, a análise de resultados foi feita relacionando dados das mesmas escolas coletados no ano de 2007, quando o projeto de pesquisa que desencadeou este trabalho foi realizado, comparando-os com os dados atuais, neste ano de 2009. As informações coletadas e expostas na forma de gráficos revelam mudanças positivas e negativas ocorridas no ambiente escolar e a visão de professores, além de fatores que influenciam na prática de algum ato de violência entre os integrantes das escolas.

Palavras - chave: Escola. Violência escolar. Fatores Geradores.

1 - INTRODUÇÃO

Há tempos a escola deixou de ser um lugar de relações e aquisição de conhecimento. As relações humanas necessitam de algumas regras de convivência e, pesquisar sobre elas, principalmente no âmbito escolar, oferece reflexões consideráveis. Levando em conta a vivência de um especial momento de profundas

e rápidas transformações sociais, que muitas vezes geram violência, abordaremos sobre o papel da escola que, não fica imune a essa situação, buscando sempre alternativas que lhes possibilitem uma adaptação trazida por esse novo quadro social.

2 - CONTEXTUALIZANDO VIOLÊNCIA

O termo violência é descrito pelo Di-

* Graduanadas em Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso pela PUC Minas.

** Doutora em Ciências da Religião, Mestre em Educação, Professora e pesquisadora da PUC Minas

cionário Aurélio (2004, p.818) como uma “qualidade de violento; Ato violento; Ato de violentar”. Violentar, por sua vez, é “exercer violência sobre; Forçar, arrombar. Desrespeitar. Constranger-se”.

Semelhante à essa definição, o Dicionário Houaiss (2001, p.2866) conceitua “violência” como “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra alguém”.

Neste direcionamento, o professor de Filosofia, Yves Michaud explica a etimologia do termo:

[...] “violência” provém do latim *violentia*, que por sua vez está relacionado a *vis* e *violare*, e porta os significados de força em ação, potência, essência, mas também de algo que viola, profana, transgride ou destrói. Assim, *violentia* denota a força que se direciona à transgressão ou destruição de uma ordem esperada (MICHAUD, 1989, p. 8).

Percebe-se, que ambos os conceitos dicionarísticos, juntamente com a definição dada por Michaud (1989), dão idéia de que violência é uma ação empregada contra o direito natural do outro, usando de uma força bruta e cruel. Seguindo este mesmo raciocínio podemos dizer que violência é o ato de destruir, seja algo ou o direito do outro, a partir do momento que este outro não pode exercer seu direito de ir e vir por medo.

Baseando-se no pensamento de Luís Flávio Sapori e, levando em conta, então, que o Brasil é um país que apresenta bons índices econômicos em relação aos seus vizinhos latinos, é certo que o fator aumento da violência pouco se relaciona ao nível de desenvolvimento do país, uma vez que se enquadra no ranking dos países mais violentos da América Latina atual (SAPORI, 2009). É importan-

te ressaltar que não se trata de um fenômeno novo, os índices vêm crescendo drasticamente há cerca de 20 anos, acompanhando o processo de redemocratização do país.

Contudo, os jovens têm chamado especial atenção nas estatísticas, sendo os maiores autores e vítimas da violência, em especial pelo abuso das drogas (SAPORI, 2009). Em uma sociedade consumista, egoísta e desorganizada que julga o ter como valor importante para se impor perante a comunidade e o sexo oposto, o tráfico e as gangues tem sido a solução encontrada por muitos adolescentes para atingirem o nível de satisfação que a sociedade lhes impõe como o desejável através da mídia.

Em meio a esse cenário, chama a atenção os locais onde a violência passou a ser representada. Locais tidos como seguros e acolhedores passam a ser foco da materialização da violência sofrida por aqueles que compõem tais espaços. No entanto, o que mais surpreende e preocupa é que, nas últimas décadas, a violência passou a se manifestar nas escolas, um ambiente que sempre foi considerado privilegiado, preservado, limpo e protegido dos conflitos – um lugar de socialização.

Em pesquisa da Unesco, realizada no ano de 2000, em 14 capitais, as pesquisadoras Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua, apontam situações que podem desencadear a violência nas escolas e, na maioria delas, a causa deriva de problemas sociais enfrentados por toda a comunidade na qual a escola está inserida. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, que podem estar além da competência e capacidade das escolas (ABRAMOVAY; RUA, 2004). Na presente pesquisa, elas explicitam que:

[...] a incivilidade empírica: delitos contra ob-

jetos e propriedades, como estragos em caixas de correspondências, quebra de portas e vidraças, danificação das instalações elétricas, móveis e equipamentos, prédios e veículos – a incivilidade contra as pessoas: podem tomar a forma de intimidações físicas e verbais... (ABRAMOVAY; RUA, 2004, p. 74).

Embora não seja fator determinante, se torna inegável que a convivência dos alunos com a violência, que pode estar presente em suas relações diárias em sua comunidade e família, afeta de alguma maneira sua vida escolar. A violência, geradora de preocupação e temor é resultado do vínculo existente entre desenvolvimento individual e contexto social, como a família, a escola e a comunidade.

A maior dificuldade em lidar com o problema da violência nas escolas é que se trata de algo peculiar, um tipo “novo” de problema, a qual os profissionais da escola não estão acostumados a pensar (ABRAMOVAY; RUA, 2004). Não é algo prático enfrentar as diversas formas que a violência assume na escola, uma vez que suas diversas manifestações variam de intensidade, magnitude, duração e gravidade.

A violência nas escolas é atualmente um dos temas que mais têm atraído a atenção de pesquisadores e sociólogos, uma vez que desencadeia uma reação muito forte da sociedade causando insegurança quanto ao futuro educacional do país. São muitos os estudiosos que têm se dedicado a descobrir a causa da fragilidade da escola nesse contexto de violência (CHARLOT, 2002). Não se trata de uma tarefa fácil. O fato é que a violência pulou o muro da escola e agora faz parte dela, sendo agora extremamente necessário conhecer o que impulsionou esse fenômeno, afim de estabelecer as melhores formas de lidar com o problema.

3 - FATORES GERADORES DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: ESTUDO COMPARATIVO

Por se tratar de um estudo comparativo, partiremos da análise feita no primeiro semestre de 2007 nos campos nomeados como Escolas A e B, ambas localizadas na região metropolitana de Belo Horizonte e, assim chegar ao quadro de mudanças ocorridas neste intervalo de dois anos pelos quais passaram estas instituições no que tange a violência escolar.

A Escola A está situada na região leste de Belo Horizonte. O bairro é próximo a um aglomerado considerado zona de risco na capital mineira. O bairro em si não é tido como violento, mas é ponto de encontro de usuários de entorpecentes que tem na principal avenida do bairro, uma ponte entre a favela, a escola pesquisada e vários estabelecimentos comerciais.

A Escola B está situada na periferia de Contagem, município da região metropolitana de Belo Horizonte, onde apresenta um alto nível de violência. A região envolvia grandes fazendas que foram desapropriadas, formando assim o bairro onde se localiza a escola. É dessa realidade que se origina a maioria dos alunos: de famílias humildes e carentes, muitas residindo em favelas próximas.

O alvo de estudo da Escola A é o turno do noturno, já que este é o que mais apresenta um índice elevado de marginalização perante a comunidade local, pois para a população da região onde a escola está inserida, o 3º turno (noturno) amedontra o bairro. Tanto os alunos quanto a escola são vistos como “marginais e favelados”.

Na Escola B, o turno da noite, também, foi nossa referência. A região onde a escola está inserida é muito discriminada pelo índice de violência ao longo dos anos, desde quando

o bairro foi fundado, em 1984.

Partindo, então, dos dados coletados no ano de 2007, a Escola A conceituava o termo violência como “qualquer comportamento que cause danos a objetos ou propriedade, bem como, a pessoas, seja física, psicológica, cultural, verbal ou política”. A Escola B definia tal termo como “falta de ética, respeito, miséria e corrupção”.

No retorno à Escola A, neste ano de 2009, foi encontrada certa resistência por parte da coordenação para a retomada da pesquisa. Superado esse primeiro momento e, prosseguindo com a busca de novos dados, um professor considerou a violência como sendo “todo comportamento que causa dano às pessoas, através do uso da força física ou psicológica, através da truculência ou da coerção”.

Deparamos com um novo diretor no estabelecimento que durante a entrevista disse:

É difícil conceituar. Existem vários tipos (de violência). A física que todos sofrem... A mais comum e pior é a verbal (ameaças, respostas, palavrões). Tivemos casos de ameaças onde um funcionário foi afastado, que teve sua vida afetada, essa é a pior das ameaças. Foi um aluno da 6ª (sexta) série, da noite, e ele repetiu a ameaça para todos (policial, diretor, coordenador).

O dano da ameaça se manifesta em transtornos emocionais, os alunos menores sabem de sua impunidade. (Diretor da Escola A)

Na Escola B, a direção acrescentou conceitos sobre a violência como “falta de entendimento entre as pessoas, falta de um real acordo verbal e sensato entre ambas às partes. De fato, quando há ausência de diálogo, realmente nos deparamos com o ato violento em

si”.

Na Escola A, em 2007, a polícia sempre estava presente para garantir a segurança nas dependências da escola. Já na Escola B a Segurança Pública marcava presença pelo menos duas vezes na semana. É claro, com base nos dados da pesquisa, que a presença da polícia na escola traz a sensação de segurança e conforto aos seus sujeitos, como explicita a análise feita por Abramovay em sua pesquisa:

Um dos pontos mais ressaltados tanto por pais quanto por professores e diretores das escolas públicas e privadas é a necessidade da interferência da polícia no andamento das atividades escolares [...] para muitos inspetores e vigilantes, a polícia ainda é sinônimo de segurança e ordem; o policiamento seria a solução para coibir a “marginalidade” nas proximidades da escola. (ABRAMOVAY, 2004, p. 107).

A Escola B não possui nenhum programa educativo para a questão da violência, apenas projetos voltados para uma cultura de paz são realizados com o turno vespertino, mas é o turno matutino que é visto como o mais violento, pois os estudantes são mais novos e, segundo os entrevistados da equipe docente, ainda não dão valor ao patrimônio público, no caso, a escola.

Um fato curioso e digno de menção no ano de 2007 é a explosão de uma bomba em pleno horário escolar na porta da biblioteca da Escola A. Não houve nenhum tipo de manifestação a fim de encontrar o responsável por tal ato. O professor que era entrevistado no momento do incidente reagiu com muita naturalidade, o que leva a crer que tal fato é comum na escola, confirmando o que ele mesmo relatou. De acordo com o ex-diretor “a escola

é tranquila e não é tão violenta, o que acontece é o mesmo de outras escolas”.

É explícito que os sujeitos da Escola A digam que não há violência entre as pessoas da escola, mas observamos um índice considerável de violência psicológica e agressão ao patrimônio da mesma, pois as paredes de algumas salas são extremamente pichadas e o banheiro apresenta sinais de vandalismo, como uma pia arrancada. Além disso, há muitos escritos nas paredes dos banheiros com frases ameaçadoras e expressões de baixo calão.

Pelas observações feitas, podemos dizer que o grande problema da escola é a questão da imagem que ela passa para a comunidade.

Percebemos que a instituição tem consciência do problema e tenta melhorar a sua imagem, mas que faltam recursos financeiros para a tomada efetiva de atitudes e maior disposição de alunos, pais e professores para enfrentarem a questão da violência juntos.

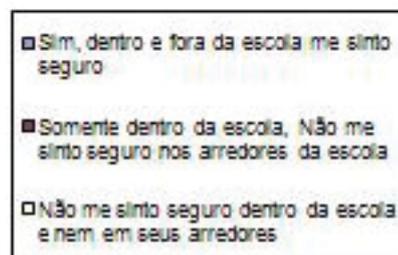
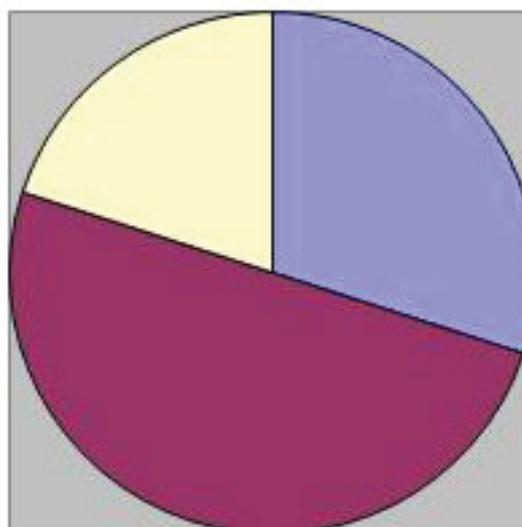
Com punições educativas, a Escola A conseguiu alcançar bons resultados, refletidos com a diminuição de pichações e brigas dentro dela. O diretor atual da instituição afirma que há punições educativas e programas na escola visando a diminuição da violência, como o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), criado pela Polícia Militar. As cartilhas do projeto definem:

[...] o PROERD tem por objetivo prevenir o uso indevido de drogas e combater a violência entre jovens [...] desenvolvido em parceria com as escolas das redes, e particular de ensino, constituindo na aplicação de 17 lições às crianças da 4ª Série do Ensino Fundamental, em encontros semanais, ao longo de um semestre letivo. As aulas são ministradas por policiais militares fardados que, auxiliados por uma cartilha espe-

cial, ensinam as crianças como reforçar a autoestima, lidar com as tensões, resistir às pressões do ambiente, além de aprimorar o espírito de cidadania. (CARTILHA DO PROERD, 2005).

Na Escola A muitos funcionários, alunos e população local se diziam intimidados com a violência advinda da escola e das pessoas que fazem parte do espaço escolar, o que gera críticas por parte da comunidade.

Apresentamos a seguir o Gráfico 1, que nos mostra claramente, do ponto de vista dos estudantes, qual é o sentimento deles diante da segurança pública que provém do espaço escolar:



Vê-se aqui que, em relação à segurança, poucos alunos disseram se sentir seguros dentro e fora da escola, a maioria se sente mais

seguros apenas dentro da escola, mas não em seus arredores.

Abramovay e Rua comentam essa questão:

[...] a rua é muito diferente da escola, quanto mais não fosse por constituir um espaço aberto, em que todos os sujeitos transitam livremente, sem ter de transpor barreiras, sem qualquer estrutura organizacional, sem objetivos próprios e sem hierarquias explícitas. (ABRAMOVAY; RUA, 2004, p. 99).

O professor de História, da Escola B comentou “que a insegurança está generalizada na sociedade, portanto, não é exclusividade da escola”. Tal afirmativa sugere que a violência nas escolas passou a ser considerada corriqueira, típica do ambiente, chegando a ser banalizada pelos sujeitos, impedindo a tomada de atitudes que realmente auxiliem no tratamento da questão (CLÉMENCE, 2002).

Observamos na Escola A que os professores entrevistados em 2007 gostavam de lecionar na instituição e, não se sentiam inseguros por trabalhar lá, mas os funcionários da cantina, do xerox e da secretaria tinham medo de trabalhar no local. No entanto, o que se observa no momento atual da pesquisa na escola A, 2009, é que professores se sentem bastante intimidados, alunos se sentem mais seguros que no primeiro momento da pesquisa e funcionários estão apáticos, conforme dados da pesquisa. Tais dados nos levam a crer que a violência escolar pode estar ocorrendo mais intensamente no espaço da sala de aula, onde professores ficam a sós com cerca de 40 alunos.

Na Escola B, algumas pessoas entrevistadas, como professores e diretora relataram, no ano de 2007, que a escola não apresenta violência e o que lá acontece são fatos ocor-

ridos em qualquer outra instituição e, não encontram dificuldades para lidar ou trabalhar em um local com alto nível de violência.

Para Gonçalves (2002) é possível considerar os anos 90 como um momento de mudanças no padrão da violência nas escolas públicas, englobando não só atos de vandalismo, mas também práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. São mais frequentes as agressões verbais e as ameaças.

A diretora da Escola A no ano de 2007 dizia que “no espaço externo à escola, existem gangues, tráfico de drogas... Já no espaço interno ocorrem: Pichações, danificação de fechaduras, descargas, aparelhos de ar condicionado, bombas, brigas, agressões físicas e verbais, roubo”.

A violência que assola as escolas é identificada como um dos fatores geradores da falta de entusiasmo dos educadores. Uma observação mais atenta dos professores parece confirmar alguns sintomas característicos da síndrome de desistência ou Síndrome de Burnett, cuja tradução, segundo Codo citado por Damasceno (2004), seria “perder o fogo”, “perder a energia”. É uma síndrome que acomete os trabalhadores das áreas de serviço que estão mais diretamente em contato com seus usuários – profissionais da educação e saúde, policiais e agentes penitenciários – fazendo-os perder o sentido da sua relação com o trabalho e desistirem de qualquer esforço, por considerarem-no inútil.

O professor de Educação Física comentou sobre os tipos de violência que já presenciou no espaço interno da Escola B: “Agressões diversas, tráfico de drogas, porte de armas, conversas sobre aborto induzido... Alunos com rostos tampados e armados, cigarro no pátio... Principalmente com alunos

do noturno”.

Já o professor de História conclui que “nessa escola há desrespeito às normas e instituições, desrespeito a professores e funcionários, agressividade entre colegas, brigas, palavrões, atentados à bomba ao patrimônio, colocando em risco todo o grupo”.

Abramovay e Rua apontam:

Entre as diversas manifestações de violência, que são trazidas de fora para dentro das escolas [...] destacam-se as gangues e o tráfico de drogas. O clima de insegurança nos arredores de determinadas escolas tem como agravante a formação de gangues, as quais vão dos grupos de amigos, turmas de bairro, de quadra, até o grupo de bandidos (traficantes, assaltantes e ladrões) e que, em muitos casos, contam com alunos como seus membros. (ABRAMOVAY; RUA, 2004, p. 110-111).

As duas escolas pregam que é preciso envolver a família e a comunidade, respeitando suas ideologias, e formando assim, um diálogo constante entre família X escola X comunidade, contudo, em depoimento, uma professora da escola A chegou a mencionar que o papel da família nesse caso é o do controle de natalidade, que, caso não seja realizado pela própria família, deve ser papel do Estado quando se tratam de classes menos abastadas. No depoimento desta professora ficou clara a descrença desta numa possível resolução do problema da violência escolar.

As escolas pesquisadas, apesar de apresentarem diferenças distintas, conseguiram alcançar mudanças significativas. Infelizmente não para todos os seus integrantes.

Um dos professores da Escola A declara:

A escola tem perdido sua função de ensinar/educar. A falta de limites se institucionalizou,

tantas foram as facilidades e permissividades, sejam das leis, sejam das novas pedagogias que fazem da escola laboratórios humanos, sem nenhum respeito ao que pensam os profissionais ou o próprio futuro dos cidadãos/alunos. (Professor da Escola A).

Entretanto, um professor da Escola B, neste ano de 2009 afirma que “houve algumas mudanças, principalmente no comportamento das pessoas; parece que aos poucos estão assimilando bons valores e princípios”.

A mesma pergunta foi feita à direção da Escola B, que diferente da maioria dos professores, respondeu:

Com certeza. Todo o nosso trabalho caminha para sanar os níveis de violência. Observamos que nossa comunidade, por uma questão de maior informação e cultura, procura estar do nosso lado para que o nosso trabalho encontre êxito e sucesso. Assim, hoje não enfrentamos problemas específicos com os do passado. Nossa política é do diálogo e sempre buscando a paz. (Direção da Escola B).

Na Escola B, a maior parte dos professores entrevistados disseram que recebem ou receberam preparação para lidar com a violência na escola: “Sempre foi um tema em foco na minha formação acadêmica. Procuro sempre estar presente em palestras e seminários que abordam o tema e, tento levar o conhecimento adquirido para a realidade das escolas que trabalho”.

100% dos professores entrevistados disseram não se sentir inseguros com seus alunos ou a comunidade. A única insegurança obtida foi relatada por um dos professores: “No que se refere às aulas e os valores que transmito, não; mas com relação à vida que le-

vam, às vezes, bate alguma insegurança com relação ao futuro dos educandos”.

É evidente que não existe uma solução rápida e eficaz para a situação da violência nas escolas. Tivemos a oportunidade de presenciar alguns dos fatos acima citados e, assim, afirmamos a gravidade da situação.

Diversos pontos de interesse surgiram diante deste estudo comparativo sobre a extensão que tem tomado o problema da violência escolar, o sentimento de insegurança, a qualidade do clima do ambiente escolar e também dos outros espaços dos quais seus sujeitos fazem parte e os fatores que exercem influência na violência escolar.

Mesmo que a escola não seja capaz de resolver todos os problemas que seus alunos trazem para dentro dela, é possível que esta influencie seu próprio clima e a violência que ocorre entre seus muros quando esta se conscientiza da importância que lhe é dada quando a ela é atribuída a função de educar para a vida baseada numa cultura de paz.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem histórico-cultural acerca da violência escolar é extremamente necessária quando se pretende contextualizar o que é e como se dá a violência no espaço da escola.

É visível a degradação que as instituições da sociedade vêm sofrendo com o passar dos anos, ora é a família que se apresenta totalmente desestruturada, ora é o Estado, que não garante ao cidadão os seus direitos mais básicos, como educação, saneamento básico, emprego e segurança, ora é a família, que não se apresenta mais como base na construção dos valores e da moral que a sociedade tanto anseia, ora é a própria escola, que acaba atribuída de papéis que não lhe cabem e por fim

como descarga das incivildades que seus sujeitos vivenciam fora de seu espaço.

A visão da violência é distinta entre professores e alunos. Os primeiros consideram que esta aumentou, os alunos acham que nesses dois últimos anos ela diminuiu. O que nos leva a considerar que a principal vítima possa estar sendo o professor. Já que muitos alunos nos garantiram sentir-se seguros no ambiente escolar, mas não em seus arredores. No entanto expressa maioria dos professores manifestaram sentir medo de seus alunos.

A ênfase dos fatores causadores de violência foi dada em especial aos fatores sociais. A violência foi sempre mencionada como de origem externa a escola, mas refletida fortemente em seu interior. Mas, vale ressaltar que são vários os fatores que desencadeiam a violência na escola, nunca um fator está isolado do outro. É perceptível que é constituída uma verdadeira rede detonadora da violência escolar. Um autentico ciclo, onde uma violência acaba por “puxar” a outra.

É necessário esclarecer que esses fatores que geram a violência por parte da comunidade escolar é variável de escola para a escola, pois está diretamente ligada à realidade da mesma, não existindo, pois, escolas iguais, mas o respeito pelo outro é fundamental e a dignidade e a autoestima das pessoas têm que ser preservadas.

Dado que o tema violência é muito amplo e surge em variados contextos, cabe expressar nosso anseio de que toda a sociedade se volte à mobilização para proteger os cidadãos de amanhã, para que não tenham um futuro manchado pela violência, enredados em sofrimento, privações e sem projetos de vida, tomando como base o que causa a violência, partindo da máxima da prevenção das causas, e não do sufocamento das consequências.

Não existe nesse artigo a pretensão de fechar a análise do que pode desencadear atos violentos nas escolas, mas favorecer um debate que se propõe aos trabalhadores da educação.

ABSTRACT

Violence within the school became the subject of several studies over the last twenty years. In this work we deal with what leads to school violence and the factors that make it so the applicant in this environment. Presents a theoretical-historical approach in order to contextualize this framework, followed by the presentation of the main factors causing school violence. From this, the analysis of results was performed by relating data collected from the same schools in 2007, when the research project that triggered this work was done by comparing them with current data, in 2009. The information collected and displayed as graphs show positive and negative changes in the environment and the vision of school teachers, as well as factors that influence the commission of an act of violence between members of the schools.

Keywords: School. School violence. Factors Generators.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. Violência nas escolas. Brasília: UNESCO, 2004.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, n. 8, Dec. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200016>. Acesso em: 28 mar. 2009.

CLÉMENCE, Alain. Violência e incivilidade

na escola: a situação na Suíça. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). Violência nas escolas: dez abordagens européias. Brasília: UNESCO, 2002.

DAMASCENO, Áurea Regina. O sentimento de culpa, a violência e seus reflexos na escola. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v.10, n.59, p. 28-35, set/out 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004.

GONCALVES, Luiz Alberto Oliveira; SPÓSITO, Marília Pontes. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. Caderno de Pesquisas, n.115, p.101-138, mar 2002.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MICHAUD, Yves. A violência. São Paulo: Ática, 1989.

POLICIA MILITAR DE MINAS GERAIS. Cartilha Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência. Belo Horizonte, 2005.

SAPORI, Luis Flávio. Desafios e perspectivas da política de segurança pública na sociedade brasileira. Belo Horizonte: 2009. (Palestra apresentada na abertura da Campanha da Fraternidade 2009: Fraternidade e Segurança Pública na PUC Minas.)